

1. Introdução

A violência é um fenômeno intrigante, pois sua origem está ligada à existência humana, já que toda a conjuntura violenta já foi utilizada como mecanismos de defesa e sobrevivência. O homem começa sua caminhada rumo à civilização atento ao mais mínimo ruído vindo da floresta; o menor som poderia significar um perigo de morte ou apenas o almoço que se mexia sorrateiramente entre os arbustos. Para sobreviver, o homem primitivo aguçou seus sentidos para vencer os desafios da natureza, e todos os dias lutava para abater sua presa a fim de que o grupo pudesse se alimentar. A vida era sistematicamente colocada em jogo, o instante seguinte poderia representar a morte e qualquer atitude demandava um alto grau de violência. Viver era extremamente perigoso.

Os anos se passaram, e o homem agora já não mais precisa pescar ou caçar para sobreviver, os supermercados modernos substituiu a selva, tudo sem os riscos que a selva oferecia. E a violência em si, está postada em nosso meio como ato extremamente impróprio e punível, entretanto, com uma ênfase institucionalizada é utilizado como forma de controle social. De modo bastante generalizado, em “uma sociedade em que prevalece a pobreza de direitos, ela tende a resolver seus conflitos por meio das violências” (LOPES e MOREIRA, 2005, p. 85).

Entretanto a agressividade é uma das características naturais do ser humano. E serve para nos levar e manter na busca por ideais, metas e objetivos, quando usada adequadamente, é como uma fonte de energia que gera progresso. Sendo necessária para a sobrevivência e crescimento do homem, é um componente significativo na vida de todo ser humano. E o que diferencia agressividade de violência é como o sujeito canaliza ou expressa sua hostilidade, ou seja, se de forma construtiva ou destrutiva.

Quando o sujeito não consegue canalizar a sua agressividade de forma construtiva, comumente ele pratica violência contra o próximo. Por não encontrar o próprio caminho, ele se ressentido com o outro, como se o outro fosse responsável pela sua angústia interior. Sua agressividade adoecida lhe faz ver no outro um obstáculo para sua felicidade, e começa a canalizar para as pessoas ao seu redor sua agressividade adoecida. No limite, esta agressividade transforma-se em violência.

Os seres humanos reprimem a violência, e da mesma forma que os demais animais, pela lei social. A restrição à prática da violência seria o primeiro e talvez mais severo sacrifício que o homem tem que fazer para viver em sociedade. O termo anti-social é empregado para se referir a todo comportamento que infrinja regras sociais ou que seja uma ação contra os outros: como o comportamento violento, furto, roubo, vandalismo, mentira, ausência escolar, fugas de casa, entre outros. Segundo o CID10, manual de classificação de doenças, a personalidade anti-social é um transtorno de personalidade caracterizado por um desprezo às obrigações sociais e uma falta de empatia para com os outros. Sendo inclusive esses comportamentos não modificados pelas experiências ou por punições. Tudo indica que nos casos que hoje assistimos acontecer na nossa sociedade, esteja havendo uma falha básica da família em seu papel contendedor dos impulsos violentos. A tendência anti-social, que seria normal até nos bons lares, está se transformando rapidamente em destrutividade, violência e delinquência.

E é justamente na escola, um dos primeiros espaços de convivência supervisionada, que os alunos vêem como um lugar para praticar atos violentos. A violência escolar é um padrão de conduta que pode ameaçar as relações normais entre os agressores e as pessoas que a rodeiam, e tendem a piorar no decorrer do tempo. As crianças e adolescentes com comportamentos violentos representam um grande desafio para os educadores, para a escola e para a sociedade. Assim, repetidas vezes este aluno "problema" vai ser posto em pauta até ser deixado de lado, sendo retirado do espaço físico comum por provocar conflitos e tumultuar o grupo. De qualquer forma o que se vê é uma tendência a isolá-lo e "tratá-lo" à parte, o que não resolve o 'problema'.

Destacando a temática da violência escolar é notório que não podemos analisar o fato de forma isolada e sem os contextos sociais que rodam esse fenômeno. Nesse contexto a mídia se destaca como meio de inter-relação direta entre a violência escolar e sociedade. A discussão que se realiza entre a questão da violência e da mídia ainda é pouco debatida, pois muitas vezes o papel da imprensa parece ser apenas de informar, como se a mesma não tivesse nenhuma influência ou interesse nessa questão, e na visão de Sodré (2002, p.8) "a parte da mídia nesse estado de coisas é menos discutida do que deveria". Kellner destaca que a mídia tem grande influência na sociedade, pois:

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam a sua identidade. (2001, p.9)

É relevante destacar que com os avanços das tecnologias, a sociedade se habituou à rapidez e praticidade. Os meios de comunicação seguindo essa linha evolutiva utilizaram-se das tecnologias para alcançar e interagir de forma mais direta com a sociedade. E essas evoluções tecnológicas geraram transformações no jornalismo, que aproveitaram essa ferramenta para complementar o acesso dos seus leitores. Transformações como a modificação do formato de difusão, agora também on-line, e relacionado às rotinas de produção das notícias. E essa interação entre mídia e sociedade que já era intensa, passou a torna-se mais direta e a gerar reflexos em ambas. Com a proximidade espaço-temporal mais constante essas relações tornaram-se recíprocas, tendo a sociedade, também, grande poder de persuasão e influência, onde essa troca age de forma densa e constante.

E é inegável que a mídia online vem explorando a temática da violência escolar de forma ampla, sendo um tema sentido pelas pessoas em seu cotidiano, fazendo parte do imaginário social, onde os sujeitos se vêem englobados, muitas vezes sem percepção deste fato.

A pesquisa '**VIOLÊNCIA NA ESCOLA NO BRASIL: um estudo sobre a abordagem do fenômeno pela mídia on-line**' tem por objetivos compreender a violência escolar enquanto fato social, sob a visão da mídia on-line. Destacando a frequência com que a violência escolar é divulgada e contribuir na análise das relações da escola com as praticas violentas. E nesse relatório final serão apresentados os resultados encontrados no ano de 2009, que foram as atividades realizadas no período de 01 de agosto de 2009 a 31 de julho de 2010.

2. Material e Métodos (ou Procedimentos Metodológicos)

A pesquisa teve por foco a coleta e análise de dados, tendo por finalidade analisar o discurso da mídia on-line sobre a violência escolar, utilizando-se de periódicos de grande circulação no país no ano de 2009. Assim, a pesquisa

foi de caráter quantitativo e qualitativo, comparando como os periódicos retratam esse fenômeno.

Os oito periódicos escolhidos foram: Folha on-line, O Globo on-line, A Tarde on-line, O Estadão on-line, Jornal do Comércio on-line, Gazeta on-line, Extra on-line e Folha do Estado - edição digital. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave para efetivar a coleta das notícias: agressão contra aluno, agressão contra professor, agressão de aluno, agressão de professor, aluno agredido, professor agredido, aluno agressivo, professor agressivo, crime na escola, espancamento na escola, morte na escola, pedofilia na escola, seqüestro na escola, tiro na escola, tiroteio na escola, tortura na escola, vandalismo na escola, violência na escola, violência escolar, violência na escola, bullying na escola, escola.

A coleta foi dividida por semestre, no período de 01 de agosto de 2009 a 31 de janeiro de 2010 foram coletados as notícias publicadas no primeiro semestre de 2009 e no período de 01 de fevereiro de 2010 à 31 de julho de 2010 foram coletadas as notícias do segundo semestre de 2009.

Neste período também foram realizadas leituras relacionadas com a temática da pesquisa a fim de fundamentar a análise dos dados coletados. Após a coleta das notícias elas foram analisadas e tabuladas, utilizando alguns critérios de triagem pudemos selecionar as informações necessárias, os dados foram separados em uma tabela para maior eficiência. Esses critérios foram elaborados para três focos, sendo organizado para cada foco questões:

Matéria (Data, Periódico, Estado, Cidade de ocorrência, Caracterização da violência, Motivação do conflito, Local da violência, Tipo de instituição e Nome da escola);

Vítima (Número de vítima, Idade da vítima, Sexo da vítima, Seqüela e Identificação da Vítima);

Agressor (Número de agressores, Idade do agressor, Sexo do agressor e Identificação do agressor).

A pesquisa apesar de ser predominantemente quantitativa, não abandona os aspectos qualitativos, pois foi necessário utilizarmos de tais meios, para a compreensão dos dados encontrados e como forma de avanço do conhecimento sobre violência escolar divulgados pela mídia on-line.

3. Resultados e Discussão

Tendo em virtude de sua expansão em todos ambientes da sociedade a violência começou a se subdividir, de acordo com o meio em que se inseri. Dando destaque para violência doméstica, violência infantil, violência urbana, violência familiar, dentre outras. Contudo, a vertente da violência escolar vem como uma vitrine de todas as violências existentes, uma vez que, é um espaço rico em diversidade humana, onde cada sujeito traz em si seu contexto habitacional e social para dentro da sala de aula, a partir daí podemos observar que a violência escolar vem acompanhada de todos os outros tipos de violência. Schilling (2004) confirma que a escola abarca vários tipos de violência como a violência da discriminação, da indiferença, a doméstica, a social e a da criminalidade, todas englobadas em um só ambiente, a escola. O termo violência vem assumindo dimensões diferenciadas, podendo ser definida como agressões físicas, verbais, psicológicas, dentro de vários níveis de intensidade. A violência é um fato que pode ocorrer em qualquer ambiente, entretanto, está se tornando cada vez mais comum e presente no ambiente escolar.

A relação dos sujeitos que compõem a escola constitui parte vital da função da escola, já que nesse processo o nuanço das relações sociais se destaca influenciando o processo de ensino-aprendizagem e interferem no contexto social geral dos envolvidos. Tendo a compreensão da violência escolar como um fato social, e crendo que os diferentes contextos sociais interferem diretamente na construção dessa relação, é evidente a ocorrência de atrito entre os indivíduos desse ambiente. Entretanto, quando esse fato 'normal' ultrapassa certas barreiras se torna patológico, e é como a mídia está descrevendo o ambiente escolar. As idéias apresentadas por Rodrigues (1978) nos remetem a compreender que os fatos sociais não são naturais, e sim, constituídos pela sociedade. Onde esses fatos são normais, desde que não atrapalhem a coerção social ou consciência coletiva e não ultrapasse os padrões. Quando ocorre esse distúrbio o fato é considerado

patológico por estar à cima da media geral, uma alta que 'desequilibra' a sociedade.

Intuir que a violência é uma construção social é também perceber que ela sofre interferência dos estímulos do espaço e do tempo onde estão inseridas. Camacho (2001) evidencia que as relações sociais estão em constantes modificações, tendo destaque na sociedade, principalmente, a violência escolar que vem ganhando novos conceitos no decorrer dos tempos e das relações sociais. Ainda pela posição da autora, esse tipo de violência torna-se muito perigosa, porque não é vigiada, analisada e nem controlada, não possuindo nem regras, nem freios. Compreendendo que a falta de limites, a falta de responsabilidade pelos atos praticados e desconsideração pelo outro, incentivam a prática da violência escolar usando, principalmente a violência física. Sendo que os 'agressores' tende a testar os limites institucionais, agindo ao extremo, e vêem que suas ações ficam impunes, observando seus atos violentos como 'brincadeiras'.

Em virtude de ser uma temática extremante atual, a violência escolar vem sendo tratada, por estudiosos, como um problema social que num movimento recíproco adentra e se expande pelos muros do ambiente escolar. Uma questão discutida incansavelmente em todos os âmbitos, por teóricos em busca de respostas e soluções que ajudem a modificar essa realidade.

Perante esse contexto em que a violência escolar se encontra, se faz necessário um olhar mais atento para esse fenômeno. E a pesquisa intitulada **'VIOLÊNCIA NA ESCOLA NO BRASIL: um estudo sobre a abordagem do fenômeno pela mídia on-line'**, vem relatar um panorama da violência escolar sob o enfoque da mídia on-line. Trazendo uma visão atual de como a mídia usa, produz e publica notícias, dando destaque para como a mesma trata a violência escolar.

Ao apresentar os dados finais da pesquisa podemos fazer uma análise mais profunda de como a violência escolar é transmitida para a população. Ao total foram coletados 278 notícias sobre violência escolar no período de janeiro a dezembro de 2009. Sendo 136 notícias no primeiro semestre e 142 notícias no segundo semestre. Crescimento surpreendente comparado com dados da pesquisa **'Projeto Violência na Escola no Brasil: um estudo sobre a abordagem do fenômeno pela mídia impressa'** que retrata freqüência das publicações sobre violência escolar nos anos de 2006 a 2008. Como pode ser observado na tabela 1.

Tabela 01

Noticias publicadas por ano nos periódicos pesquisados

2006

2007

2008

2009

34

60

152

278

Fonte: Projeto Violência na Escola na Bahia: um estudo sobre a abordagem do fenômeno pela mídia impressa-FAPESB

Dando destaque para a visão quantitativo da pesquisa foi elaborado um perfil de acordo com as notícias encontradas. A primeira caracterização é do agressor: aluno (40,6%), na faixa etária de 13 a 22 anos (30%), sexo masculino (61%) e em 53,9% das notícias a violência foi praticada somente por uma pessoa.

Com relação as vítimas, pode ser definidas como, em sua maioria, alunos (47,1%), sexo masculino (37,8%), com idade de 8 a 24 anos (48,3%) e com somente uma vítima em 70% dos casos.

Sendo o tipo de agressão mais praticada, segundo as notícias publicadas, é a agressão física com arma de fogo. A motivação está relacionada ao tráfico de drogas, roubos e assaltos. O tipo instituição que mais aparece nas notícias divulgadas é nas escolas públicas. E o local onde ocorre essa violência é na maioria dos casos, 53,3%, dentro da escola. As notícias mais divulgadas são as que a vítima apresenta seqüela física ou psicológica (fato traumatizante) em detrimento da agressão, em 65,3% dos casos. E os estados que mais aparece notícias sobre violência escolar é São Paulo, seguida de Rio de Janeiro e Salvador. Saindo assim a região sudeste como a região que com mais casos publicados de violência escolar (70%).

Iniciando a discussão, é notório destacar que a mídia com seu ímpeto

comercial, trata a notícia como fato a ser explorado, atualmente ela enfatiza a vítima como personagem principal de um fato chocante, sob o enfoque da transformação do fato, violência escolar, na quebra da ‘harmonia e perfeição da sociedade’. Com a intenção primordial de aproximar a vítima do ‘espectador’, o transformando numa pessoa conhecida, íntima, e mostrar o resultado que a violência trouxe para a sociedade. Daí pode-se encarar a mídia como estruturadora de opiniões ou que se modifica para suprir necessidade de um público, a fim de tornar-se agradavelmente comercial.

De fato a notícia se faz um relato jornalístico de acontecimentos interessantes do cotidiano, configurando-se como um apoio ou meio do indivíduo compreender a realidade. Nas notícias não existem novidades, já que os fatos apresentados têm a mesma essência, só modificando o tempo e/ou espaço dos acontecimentos. Ou seja, não são fatos novos, mas sim atuais ou mais recentes.

Sob base da Teoria do Agendamento, em nossa sociedade a informação é tida pela mídia como uma mercadoria, e para torná-la consumível os fatos são modificados e transformados em Matéria-produto. Onde há exploração da aparência, de produção de impacto e de caráter explosivo do fato (MARCONDES FILHO, 1986). Contendo na matéria dois ingredientes principais, a matéria-prima e o apelo, que segundo Marcondes (1986) a notícia tem como matéria-prima a informação, e o apelo seria a sensação de humanidade que é agregada à notícia. Com esse apelo ela tenta trazer para perto dos leitores e espectadores as notícias, adentrando suas casas e evidenciando características comuns das vítimas e suas famílias com os indivíduos que lêem, ouvem e vêem a notícia. Jorge (2006) enfatiza que “o apelo atinge o leitor em suas emoções e o faz cativo” (p. 8). Expõem o sofrimento de estranhos como se fossem amigos ou parte da família, determinando uma posição de papéis (agressores e vítimas).

Daí surge o questionamento se a violência nas escolas não seria um modismo da mídia, que se aproveita das crises sociais para tornar-se mais atraente e vendável (Debarbieux, 2002). Por conseguinte, foi despertando interesse de vários setores além da mídia, que vêem a proliferação da violência na escola como um possível consumidor. À violência escolar impôs a necessidade de reforçar os meios de prevenção da violência, e como assinalou Devine (2002) “a segurança escolar transformou-se num importante produto comercial”, tornando-se consumidor

de produtos de segurança. Agindo de forma compulsiva, onde a mídia gera o medo, as escolas tentam se proteger, e o mercado cria, produz e vende 'segurança'. A mídia conduz essas circunstâncias utilizando o poder que detêm de influencia e manipulação.

Entretanto, há nessa relação mídia e sociedade, uma influência mútua, onde a mídia cresce seu poder sob as massas, baseado na imposição de certas temáticas, podendo interferir direta e indiretamente na opinião pública, em assuntos de contexto social, legitimando certas posições (MARRACH, 1993). Por outro lado, à sociedade tende a influenciar a escolha dos assuntos e conteúdos a serem abordados pela mídia, pois o interesse por um ou outro assunto específico torna o mesmo, uma temática a ser explorada constantemente pelos meios de comunicação.

Com a aproximação com a mídia, o leitor ganhou o poder de 'opinar' nos conteúdos que entram na pauta, sendo levado em conta a preferência do público. E o que pode ser ressaltado mais uma vez é que a informação foi transformada em uma mercadoria, e que deve satisfazer a um público exigente. Dando relevância a esse aspecto, é preciso levar em conta como os jornalistas lidam com as opiniões e sugestões de seu público. Como influencia direta podemos citar a escolha de certas temáticas que interessam mais ao público, como a violência. Ressalvando que o público também influencia na linguagem dos periódicos, sendo que eles têm que ter mais clareza e objetividade, para atingir seu público alvo. Então a presença desse leitor no processo de 'produção' da notícia é presente, estabelecendo assim uma relação de confiança entre o leitor e o jornalista. Constituindo que os jornalistas que tem o foco regional ou nacional, vêem o leitor de formas diferentes. Tendo o jornalista, em foco, um leitor pré-definido para sua fala, ou seja, seu público-alvo.

A narrativa midiática para alcançar esse público-alvo tem de relatar notícias atuais, em tempo real, com linguagem acessível e principalmente, tornar essa notícia confiável. O jornalista necessita dar credibilidade a suas notícias, e muitas vezes ele utiliza o posicionamento de fontes idôneas para dar veracidade a suas informações. Tendo por vezes, excluir os envolvidos no fato violento e se respaldar com a utilização única e exclusiva de sua fonte, defendendo veemente essa posição. Fazendo valer essa probabilidade, quando se trata de violência escolar, foi observada a utilização massiva de posicionamentos de fontes idôneas,

como Secretaria de Educação, Delegacias, Diretores, Juizados da Infância e Juventude, dentre outros.

O que também se faz relevante nessa análise é que, em busca de notícias rápidas a mídia, em alguns momentos, torna-se imprecisa com relação aos dados das notícias e cria uma plasticidade que muitas vezes não corresponde à realidade. A maioria dos periódicos não relata alguns dados, que se fazem importantes na análise da notícia, como por exemplo, se a vítima é aluno ou não da instituição falta da idade dos agressores, se a escola é pública ou privada, cidade, bairro e se a vítima é ou não aluno da instituição, o que deixa uma sensação de vazio e que generaliza a violência para toda região ou cidade.

Machado e Jacks (2001) formulam que a mídia é imperfeita, complexa e inacabada, composta por indivíduos plenos de idéias e interesses a defender, no entanto, é preciso nuançar essa dimensão moral, especialmente na relação com as fontes da informação. A busca pela imposição de uma veracidade de suas notícias, os periódicos tem que lidar com o parâmetro 'tempo'. Tendo por base o lema notícias em tempo real, esse profissional têm que achar 'respostas' e posicionamentos em segundos, não tendo muito tempo de procurar várias fontes e todos os envolvidos no fato, os levando a sustentar suas posições em fontes que tenham um renome de confiança.

Entretanto, a notícia tem que ser publicada de acordo com a ocorrência dos fatos, pois tem por finalidade relatar os fatos ocorridos na sociedade de forma fidedigna, entretanto, a pauta seleciona os fatos que serão abordados nas matérias jornalísticas, o que dificulta uma análise mais densa e trazer uma visão mais concreta da realidade.

Alguns autores têm por opinião que enquanto não é exposta a notícia não existe, todavia, o fato é real e existe mesmo não publicado. Tendo essa percepção podemos notar que enquanto a violência escolar não era publicada ela era tida como inexistente pela mídia e pela sociedade, constitui-se assim o posicionamento de aumento da violência escolar, já que o crescente aumento do interesse da mídia por esse fenômeno gerou uma maciça divulgação de notícias com essa temática. E Jorge (2006) fala que o fator de interesse é relevante já que, "a realidade é mutante. O que é interessante para o público hoje pode não sê-lo amanhã e vice-versa" (p. 11). Sendo que a violência, independente do local, é um fenômeno que 'fascina' o

ser humano, e todas as suas manifestações são acompanhadas até o ápice, contudo, os fatos em pouco tempo são saturados e trocados por outro caso mais recente.

Falando agora da violência escolar em si, pode-se intuir que atualmente existem vários posicionamentos sobre essa temática, que se destacam como grupos com opiniões unificadas, ou seja, há grupos que se posicionam escolhendo algumas características específicas da violência escolar, suas causas, conseqüências e influências. Dividem-se, para mostrar o mesmo fato por vários ângulos e pontos de vista, procurando desvendar os elementos que originam a violência escolar. Nesse contexto há a necessidade de analisar questionamentos específicos da violência escolar atual, como a influência do tráfico e uso de drogas, a falta ou perda da disciplina ou respeito dos sujeitos envolvidos, a hipótese de que a violência urbana influencia diretamente na propagação da violência escolar, além da suposição de que existe a influência da mídia no crescimento desse fenômeno.

A primeira pré-posição destaca teóricos que defendem a influência direta do uso e tráfico de drogas na violência escolar. Segundo Abramovay (2002), os índices de violência escolar tiveram grande aumento, e o principal fator responsável foi à ação do tráfico nesse ambiente, sendo que é um tipo de violência que vem da rua e ultrapassa os muros da escola. A autora ainda afirma que conflitos entre traficantes podem atingir a escola, destacando a ação desses traficantes dentro, fora e nas proximidades da escola, suscitando o medo sempre presente nesses ambientes inóspitos. Enfatizando que o uso e tráfico de drogas nos arredores da escola trazem os 'usuários' de drogas para as proximidades a escola, gerando uma violência paralela que incide diretamente na escola, além da ação de gangue, tiroteios, roubos e acesso a armas. Sentindo esse medo progressivamente crescente a escola trata de se fechar, construir muros cada vez mais altos e rodear-se de guardas e porteiros para se proteger da ação do uso e tráfico de drogas, entretanto, todo esse aparato não impede que a droga adentre o ambiente escolar ou que o resultado de suas ações atinja os sujeitos desse meio, e é notório que essas ações não estão conseguindo impedir essa 'invasão'.

Paiva (2007) enfatiza que o envolvimento dos alunos com o tráfico de drogas que está atuando dentro da escola, onde esse sujeito ganha 'identidade' e 'status' e se estabelece como indivíduo na sociedade. Sento-Sé (2007), ainda trata

do uso e tráfico de drogas como relevante aumento de agressões cometidas na escola, sendo um fator de destaque na produção e proliferação da violência escolar, já que o tráfico se apresenta como um grande fator de vulnerabilidade há esses jovens. Eles defendem que uma ampla ação da atuação do tráfico e a violência deferida pela mesma se encontram em varias escalas de atuação, sendo direta e indiretamente. O envolvimento com gangues, homicídios, agressão física, perseguição, ameaça, são algumas das conseqüências diretas do tráfico e uso de drogas no ambiente escolar, gerando de forma direta e indireta medo e insegurança. Candau (1999), afirma que as 'gangues e galeras' envolvidas com o tráfico adentram a escola e praticam ameaças a professores, alunos e funcionários da escola, sendo que alguns também são alunos, e por isso tem acesso livre à escola.

Entretanto, pode-se ressaltar que os resultados encontrados nós mostram que a relação de influência do uso e tráfico de drogas como gerador do aumento da violência escolar é real, já que teve um percentual significativo de violência escolar ligadas a uso e tráfico de drogas. Essa contradição abre a necessidade de uma análise mais profunda sobre esse fator gerador da violência escolar.

Já a violência escolar, sobre a proposição de Dubet e Martucelli (1995) apud Cortez e Souza (2008), é uma reflexão da perda da disciplina do aluno ou perda do poder do professor, ou ainda ir além dessa perspectiva como a falta de socialização, onde o educando não é socializado a exercer a função de aluno. Com a democratização do ensino o poder absoluto do professor foi reduzido, assim os valores, posições e revoltas dos alunos afrontam a integração da escola, disseminando hostilidades e promovendo a violência. No decorrer dos tempos a família vem se afastando da escola, e por conseqüência transferindo sua responsabilidade de 'educar' para a escola, e como a escola não da conta dessa atribuição os alunos estão cada vez mais 'indisciplinados' e sem limites, praticando atos violentos no ambiente escolar. A crise da estrutura familiar também é um fator elucidado como desencadeador da falta de disciplina e, por conseguinte, a violência escolar, sempre fazendo uma relação entre familiar e autoridade. Posição que Savater (2001) retrata, como um desalinho estrutural da família, onde a família deixou de ser um núcleo amplo, e que, de a responsabilidade de educar da família, foi transferida quase que exclusivamente para o professor.

Contudo Colombiêr, Mangel, Perdriault (1989), expõe que a violência urbana é o principal agente motivador da violência escolar, pois “A violência que as crianças e os adolescentes exercem é antes de tudo, a que seu meio exerce sobre eles” (p.17). Farrington (2002) concorda com a posição, destacando que a influência da violência que cerca esse sujeito se apresenta como modificadora de comportamento. Assim o sujeito que está à mercê desse fenômeno tende a reproduzir esse comportamento arbitrário, em todos os ambientes que frequenta, inclusive, a escola.

Ainda há os que crêem que a mídia, principalmente, televisão, gera ou potencializa comportamento agressivo e contribui para o incremento da violência na escola. Tendo um posicionamento no avanço tecnológico e na modernidade Adorno (2002) responsabiliza a mídia como tendo grande responsabilidade no crescimento da violência escolar. Disseminando pelos seus meios atrativos como filmes, desenhos, videogames, jornais todo tipo de conteúdo violento que se pode imaginar. Essa relação gera um comportamento violento que é exposto no ambiente escolar. Augras (1974) dentro dessa perspectiva relata que a violência sempre teve seu lugar de destaque na mídia em geral, sendo que a sua divulgação sempre foi vista como entretenimento. A mídia atualmente alcançou um patamar relevante na vida dos sujeitos da sociedade moderna tornando-se, quase que, parte do sujeito e por isso sujeitando-se a olhares mais atentos a suas influencias no processo de desenvolvimento dos sujeitos. Um dos autores que se debruçam na questão é Christakis (2004) que em seus estudos liga a influencia da TV ao desenvolvimento da agressividade nas crianças, trazendo questionamentos importantes sobre os comportamentos agressivos da criança, que por sinal, se efetiva com mais relevância no ambiente escolar, que é onde passa a maior parte do dia e se socializa de forma mais intensiva. Lasswell (1975) basicamente conclui que a mídia afeta o público com os conteúdos que dissemina e produz efeitos que equivalem às reações manifestadas pelo público. Os discursos são construídos e as verdades podem ou não ser ratificadas. A mídia ajuda não só a ratificar alguns discursos, como também a criá-los e também os faz circular, viabilizando alguns estereótipos, como é o caso dos grupos perigosos, onde:

“... em uma sociedade como a nossa, (...) mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que

atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer em funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso.” (Foucault, 2005b, p.179)

Estes fatores não são determinantes para a ocorrência da violência no ambiente escolar, entretanto, são relacionados como elementos de ‘influências’ da prática desse tipo de violência. Tendo essa visão como proposta, é notório que esse grupo de ‘problemas’ da sociedade interferem no comportamento desses sujeitos, sendo que suas práticas violentas tendem a adentrar por todas as esferas da sociedade e em todos ambientes sociais onde essa interação possa ocorrer. E as mensagens da mídia tendem a reforçar essa percepção.

Por fim, é vigente que violência sempre foi um assunto que desperta muito interesse da sociedade, e essa como leitora, consome insaciavelmente as notícias que enfatizam práticas violentas. E a mídia por saber dessa disposição utiliza todo seu potencial de persuasão na intenção de deter, no clima do cotidiano social, a discussão da violência como assunto comum. A violência escolar se põe como uma temática que segue um processo de crescente divulgação nos periódicos jornalísticos nacionais. Ao questionamento se houve o aumento no índice de violência escolar ou da divulgação desse fato, sendo que as duas têm aspectos que se inferem como sendo verdadeiras. Pois, analisando e questionando a temática, observou-se uma complementação, pois a divulgação aumentou tanto quanto a ocorrência e daí a análise da complementação. Não há indícios de influência de um ao outro, mas nas relações sociais os aspectos do cotidiano são responsáveis por mudanças de comportamento e hábito.

O jornalismo é composto por fatos, relações de influência, contextos sociais, ideologias, posicionamentos e representações, o que por costume não analisamos ao ler uma notícia. Todas as possíveis intervenções da mídia na divulgação do fato devem ser levadas em conta, nenhuma notícia-fato é inatingível pelo poder da mídia. E estudar, a temática violência escolar, a partir das notícias podemos observar a atuação da mídia na propagação da notícia, além da atuação ideológica dos jornalistas, dos periódicos e na produção. Tendo essa visão pela vertente dos periódicos on-line, é crucial lembrar que todas essas relações e influências se dão de forma diferente, pois a Internet tem uma forma de hierarquização, disseminação, seleção e organização da informação, distinta dos

jornais impressos.

4. Conclusões

Esse estudo evidencia o relevante crescimento do interesse da mídia pela temática violência escolar, deixando claro que é uma temática rentável já que o interesse do público é proporcional às publicações. Diante da velocidade dos acontecimentos os jornais se vêm numa cruzada pela arbitrária reelaboração da verdade e de valores, onde para sua 'elaboração' se questionam quais acontecimentos são mais interessantes e relevantes para se tornarem notícia. Sendo que os termos usados, a ordem da apresentação, o local onde são publicados e os temas escolhidos, moldam imagens, inserindo juízo de valor. Sendo um fenômeno da atualidade a transmissão de notícias pela Internet, tem características próprias e nos trazem outro olhar sobre os sujeitos da notícia, tanto de quem faz, de quem se fala, quanto o perfil de quem lê.

Tendo como uma visão geral do fenômeno mídia versus violência escolar, destacam-se características dos jornais sob essa perspectiva. Enfatizar que hoje há por parte da mídia uma dramatização na questão violência e das imagens dos criminosos e da criminalidade, pois seguem criando personagens, afim de que o público se identifique, evitando analisar e debater as raízes do fenômeno. Além de terem o poder de criminalizar, sob o domínio das classes dominantes, transmitem com sua força de opressão ideológica à sociedade. As motivações da mídia em veicular a violência de determinado 'ponto de vista', tem uma visão comercial, contudo, não se pode esquecer que a imprensa é "uma expressão da opinião pública", ou seja, expressão da sociedade.

Em toda sua conjuntura os periódicos não procuram embrenhar-se nos caminhos da busca da compreensão dos problemas da violência, tratam em si de noticiar os fatos e indicar culpados. Não há a caracterização social do fato. Os relatos de violência escolar não têm o intuito de discutir a temática em busca de suas causas e soluções, visualizando assim a notícia como uma ocorrência individualizada, excluindo as intervenções sociais que interferem nesse fato. Muito menos, correlaciona a discussão da violência escolar com a necessidade de

implementação de políticas públicas nesse ambiente.

Por fim, não parece haver o compromisso com o resultado final, ou melhor, sem diálogo e discussão da temática não pode ser construído soluções reais para o problema. E a ausência de informações anula construção de uma visão global do fenômeno. É necessário não só colocar essa temática nas rodas de discussões é imprescindível que se trate o assunto como um problema social que requer soluções. Trazendo à tona toda a questão da violência escolar, com esse intuito, a mídia se transforma e um agente social em prol do “equilíbrio social”, que buscará e apresentará resultados reais.

No momento de finalização do trabalho é necessário ressaltar, embora não sendo encarado como conclusão final e absoluta da discussão, que conhecimento construído a partir das notícias de periódicas nos da uma visão da realidade sob o ponto de vista dos meios de comunicação versus o fato social que realmente acontece, pois temos que ter consciência que cada periódico descreve o mesmo fato, entretanto, cada um enfatiza a visão e posicionamento do fato que lhe seja mais é conveniente.

5. Referências

ABRAMOVAY, M. ; CASTRO, M. G.. **Jovens em situação de Pobreza, Vulnerabilidades Sociais e Violências**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 1, n. 116, 2002, p. 143-176.

ADORNO, Sérgio. Violência, ficção e realidade. In.: SOUZA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense. 2002, p. 181-8.

AUGRAS, Monique. **Opinião pública**. Rio de Janeiro: Vozes. 1974. 165 p.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. A violência nas práticas escolares de adolescentes. In.: **Reunião anual da AMPEd: textos dos trabalhos e pôsteres**. Rio de Janeiro: AMPEd. nº 24, 2001. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/24/T1411436424503.DOC>. Acesso em: 21 jun. 2010.

CANDAU, V.M; LUCINDA, M. C; NASCIMENTO, M.G. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. 104 p.

CHRISTAKIS, D. A.; BERTHOLF, R. L.; GOODISON, S.; **Zimmerman Television Viewing and Attention Deficits in Children**. USA: Pediatrics, August 1, 2004. p. 511 - 512.

COLOMBIER, Claire; MANGEL, Gilbert; PERDRIault, Marguerite. **A violência na escola**. São Paulo: Summus, 1989. 149 p.

DEBARBIEUX, Eric. Cientistas, políticos e violência: rumo a uma comunidade científica europeia para lidar com a violência nas escolas? In.: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (Orgs.). **Violência nas escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: UNESCO. 2002. p. 13-34.

DEVINE, John. A mercantilização da violência escolar In.: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (Orgs.). **Violência nas escolas políticas públicas**. Brasília: UNESCO. 2002. p. 207-24.

DUBET, F. & MARTUCCELLI, D. Á L. École: Sociologie de l'expérience scolaire. Paris: Du Seuil, 1996. apud, CORTEZ Maria Cecília; SOUZA Christiano de. Depressão em professores e violência escolar. In.: **Notandum 16**. São Paulo/Porto: Mandruvá. Ano XI. n. 16 jan-jun 2008. p.19-28. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand16/>>. Acesso em: 05 de jul. 2010.

FARRINGTON, David. Fatores de risco para a violência juvenil. In: DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine (Org.) **Violência nas Escolas e Políticas Públicas**. Brasília: UNESCO, 2002, p. 25-51.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 22 ed, Rio de Janeiro: Graal, 2006. 295 p.

JORGE, Thaís de Mendonça. A notícia e os valores-notícia. O papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa. In.: **UNIrevista**. Rio Grande do Sul: UNIrevista, v.1, n. 3, julho 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Jorge.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2009.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001. 454 p.

LASSWELL, Harold. A estrutura e a função da comunicação na sociedade. In.: COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e "cultura de massa"** nes. 2. ed. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1975. 406p.

LOBO, Leylane Cabral; FRAGA, Paulo César Pontes. Violência no âmbito escolar. In.: **XIV Seminário de iniciação científica** [recurso eletrônico] / pesquisa e sociedade / Universidade Estadual de Santa Cruz. PROPP. **Anais/Resumo**. Ilhéus, BA: UESC, 2008. 1 CD-ROM. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminarioic/sistema/index.php>.

LOPES, Carlos; MOREIRA, Diva. Violência, segurança pública e cidadania. In: **Relatório de Desenvolvimento Humano - Brasil 2005**. São Paulo: PNUD. Cap. 4, 2005. p. 84-101.

MACHADO, Márcia Benetti; JACKS, Nilda. O discurso jornalístico. In.: **GT de Estudos de Jornalismo da Compôs** ([Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação](#)). Rio Grande do Sul: Compôs. 2001. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2001/machado_jacks2001.rtf>. Acesso em: 06 ago. 2010.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**: – Jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986. 188 p.

MARRACH, Sonia. O caso Collor ou a política na era dos meios de comunicação de massa. In.: **Revista Educação e Sociedade**. Campinas: Papyrus, v.XIV, nº 44, 1993. p. 135-52.

PAIVA, Vanilda. Contradições da reeducação de jovens que cometeram atos inflacionários. In.: PAIVA, Vanilda; SENTO-SÉ, João Trajano (Orgs.). **Juventude em conflito com a lei**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 19-34.

RODRIGUES, José Albertino. O que é fato social?. In.: **Durkheim: sociologia**. São Paulo: Ática. 1978. p. 46-52.

SAVATER, Fernando. Ética para um jovem. Portugal: Dom Quixote. 2001. 126 p.

SCHILLING, Flávia. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004. 110 p.

SENTO-SÉ, João Trajano. Violência, tráfico e juventude. In.: PAIVA, Vanilda; SENTO-SÉ, João Trajano (Orgs.). **Juventude em conflito com a lei**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 211-222.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, mídia e violência**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, EDIPUCRS, 2006. 110p.